

Uma campanha de boicotes

LUCIANO SUASSUNA

O candidato peemedebista à Presidência da República, Ulysses Guimarães, encontra-se hoje na posição de prisioneiro de seu próprio partido: sabe que só existe uma força capaz de o empurrar para os primeiros lugares nas pesquisas, a estrutura do PMDB; mas, desde sua vitória na convenção, há 40 dias, enfrenta o boicote dos principais cabos eleitorais do partido, os governadores.

"O doutor Ulysses devia deixar de tomar poire, em Brasília, e começar a tomar cachaça em botequim", critica a vice-governadora de Minas Gerais, Júnia Marise. Na geografia do PMDB, as dificuldades de Ulysses se estendem de norte a sul do País. No ceará, o governador Tasso Jereissati já decidiu não trabalhar pelo candidato do partido e se aproxima cada vez mais de Mário Covas, do PSDB. Tasso tem em mãos uma pesquisa feita entre os prefeitos, vereadores e militantes do PMDB no Estado, que indica uma rejeição de 80% ao nome de Ulysses.

Na semana passada, Tasso foi procurado pelo coordenador da campanha de Covas, o senador José Richa. "A hora está chegando?", indagou Richa, num telefonema ao governador do Ceará. "Vamos continuar conversando", sugeriu Tasso, que, por enquanto, também não pretende anunciar seu apoio ao tucano Mário Covas. No Rio Grande do Norte, Ulysses também enfrenta o assédio dos tucanos ao governador Geraldo Melo. Procurado por deputados ligados a Ulysses, Melo descartou, há 15 dias, em Brasília, qualquer possibilidade de ficar com o candidato do

PMDB. "Não acho que ele possa ganhar a eleição", informou.

Como Tasso, Melo também recebeu um telefonema do senador José Richa, na semana passada. "Estou certo de que vamos estar juntos", desejou Richa, que ainda não obteve a adesão do governador do Rio Grande do Norte. Em Minas Gerais, o governador Newton Cardoso até tentou uma ligação com Fernando Collor de Mello, do PRN, mas foi rejeitado. Newton resolveu, então, apoiar Ulysses, mas no PMDB seu engajamento também é desprezado. "O apoio dele tira votos", diz o deputado Fernando Gasparian, de São Paulo. "Minas está se sentindo descompromissada com a campanha do partido", resume Júnia Marise.

Em São Paulo, onde se localiza a maior máquina estadual do PMDB, a candidatura de Ulysses enfrenta o distanciamento do governador Orestes Quércia. Há 15 dias, Quércia saiu de São Paulo para uma viagem pela Europa Oriental e ainda não voltou. No entanto, durante a campanha de 1986, quando se encontrava em terceiro lugar nas pesquisas, Quércia obrigou o então governador do Estado, Franco Montoro, a suspender uma viagem à China, marcada com um ano de antecedência.

"O problema que enfrentamos é simples", diz o deputado João Agripino (PMDB-PB). "Temos um bando de governadores desgastados, que estão na indecisão, para ver qual a melhor tábua de salvação política. Se Ulysses estivesse bem nas pesquisas, ninguém estaria de braços cruzados." Agora, resta saber quem vai remar contra a maré.